

AMIGOS DO PEITO: IMPACTOS DA MASTECTOMIA NA VIDA DA MULHER

BREAST FRIENDS: MASTECTOMY IMPACTS IN THE LIFE OF WOMAN

Flávia Miranda do Nascimento Couto¹
Ocilma Barros de Quental²
Geane Silva Oliveira³
Milena Nunes Alves de Sousa⁴
Janaina Barbosa da Silva⁵
Ankilma do Nascimento Andrade Feitosa⁶

RESUMO: Introdução: o câncer, atualmente, tem sido umas das doenças mais desafiadoras para os estudiosos e um grave problema de saúde pública que vitima um número cada vez maior de pessoas. O câncer de mama representa uma das maiores causas de morte entre as mulheres, sendo o segundo tipo de câncer mais frequente no mundo; sua incidência vem aumentando ao longo dos anos. **Objetivo:** analisar as modificações na vida da mulher após a mastectomia. **Método:** estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa, realizado com 7 mulheres do grupo Amigos do Peito de Cajazeiras (PB), em fevereiro de 2014, por meio de um questionário semiestruturado, analisado com a técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin. Estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Santa Maria, sob o Protocolo n. 27381314.9.0000.5180. **Resultados:** a idade variou de 35 a 85 anos e a maioria tinha mais de 60 anos. Em relação ao estado civil, a maioria era solteira (43%). Quanto à escolaridade, 60% têm Ensino Superior completo e Ensino Fundamental incompleto. As seguintes categorias foram identificadas: Sentimentos diante do diagnóstico do câncer e da mastectomia; Convivência familiar; Desafios vivenciados pelas mulheres; Mudanças ocorridas na sexualidade e na qualidade de vida após a mastectomia. **Conclusão:** conclui-se que é extremamente importante o apoio da família, além de iniciativas como grupos de apoio para que essas participantes sintam-se confiantes e seguras.

¹ Enfermeira. Graduada pela Faculdade Santa Maria.

² Enfermeira. Docente Faculdade Santa Maria. Email: ocilmaquental2011@hotmail.com.

³ Enfermeira. Docente da Faculdade Santa Maria. Email: geane1.silva@hotmail.com.

⁴ Enfermeira. Docente Faculdade Santa Maria, Faculdades Integradas de Patos e Faculdade São Francisco da Paraíba. Mestre em Ciências da Saúde. Doutoranda em Administração pela UNINTER e Doutoranda em Promoção de Saúde pela UNIFRAN. Email: minualsa@hotmail.com.

⁵ Graduanda em Enfermagem na faculdade Santa Maria. Email: janainabarbosah@gmail.com.

⁶ Enfermeira. Docente da faculdade Santa Maria. Mestre em enfermagem. Doutoranda em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina do ABC – FMABC. Email: ankilmar@hotmail.com.

Palavras-chave: Câncer de Mama. Mastectomia. Qualidade de Vida.

ABSTRACT: Introduction: cancer has currently been among the most challenging diseases for scholars and a major public health problem that affects a growing number of people. Breast cancer represents a major cause of death among women, it is the second most frequent type of cancer in the world; its incidence has increased over the years. **Objective:** analyze changes in women's lives after mastectomy. **Method:** exploratory and descriptive study, with a qualitative approach, carried out with 7 women from the group Breast Friends in Cajazeiras, Paraíba, Brazil, in February 2014, by means of a semi-structured questionnaire, analyzed using the content analysis technique, proposed by Bardin. This study was approved by the Research Ethics Committee Santa Maria College, under the Protocol 27381314.9.0000.5180. **Results:** age ranged from 35 to 85 years and the majority was over 60 years. Regarding marital status, most individuals were single (43%). As for education, 60% have complete Higher Education and incomplete Elementary School. The following categories were identified: Feelings towards cancer diagnosis and mastectomy; Family interaction; Challenges experienced by women; Changes in sexuality and quality of life after mastectomy. **Conclusion:** we conclude that family support is extremely significant, as well as initiatives such as support groups for making these participants feel confident and safe.

Keywords: Breast Cancer. Mastectomy. Quality of Life.

INTRODUÇÃO

O câncer vem sendo considerada uma das doenças mais desafiadoras para os estudiosos. Mudanças nos hábitos de vida da população são consideradas como a maior causa para o aumento de casos da doença na população mundial e, dentre todos os tipos da mesma, a neoplasia mamária é o que se destaca entre as mulheres.

Nas últimas décadas, o agravo ganhou uma dimensão maior, tornando-se um problema de Saúde Pública mundial. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que no ano 2030, podem-se esperar 27 milhões de casos incidentes de câncer, 17 milhões de mortes por câncer e 75 milhões de pessoas vivas, anualmente, com câncer (INCA, 2011).

Para Moura *et al* (2010), os fatores de risco para o Câncer de mama estão classificados em muito elevados (mãe ou irmã com câncer de mama na pré-menopausa), mediamente elevados (mãe ou irmã com câncer de mama na pós-menopausa e nuliparidade) e pouco elevados (menarca precoce, menopausa tardia, primeira gestação de termo depois de 34 anos, obesidade, sedentarismo, ingestão alcoólica excessiva e terapia de reposição hormonal por mais de 5 anos).

Dentre as consequências decorrentes do tratamento, destacamos a mastectomia, o impacto da mesma afeta não apenas a mulher, mas estende-se ao seu âmbito familiar, contexto social e grupo de amigos. A família com um portador de câncer, particularmente de mama, requer maior atenção, em virtude do caráter crônico e da gravidade de que se reveste a doença, além do significado social e impacto psicossocial que representa para a mulher e seus familiares, o que por sua vez, pode vir a afetar os relacionamentos interpessoais (MELO; SILVA; FERNANDES, 2005).

A partir dessa discussão, surgem alguns questionamentos inerentes a pesquisa: quais as modificações na vida da mulher após a mastectomia? Quais as

alterações no relacionamento familiar, relacionamento social, imagem corporal, sexualidade e qualidade de vida? Qual o perfil sócio demográfico das mulheres?

O interesse pela pesquisa surgiu a partir da necessidade das pesquisadoras em discutir esse tema tão usual aos nossos dias e, em virtude, de sensibilizar-se com esse problema de saúde, que atualmente vem atingindo tantas mulheres, com idades cada vez mais distintas. Este estudo buscou conhecer as diferentes formas de dificuldades que uma mulher mastectomizada vivencia, se aprofundando nas possíveis modificações referentes às repercussões psicológicas, relacionamento familiar, funcionamento social, imagem corporal e sexualidade, qualidade de vida e possibilidade de reconstrução da mama. Assim, o estudo teve como objetivo analisar as modificações na vida da mulher após a mastectomia.

METODOLOGIA

Estudo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa, realizado com usuárias do grupo Amigos do Peito de Cajazeiras - PB. A amostra do tipo não probabilística, foi composta por sete mulheres que se enquadraram nos seguintes critérios de inclusão: ser cadastrada no grupo outrora citado desde a sua fundação e estar presente no momento da coleta de dados.

Os dados foram coletados em fevereiro de 2014, por meio de um questionário e utilizando a técnica de entrevista, em as mesmas foram gravadas e em seguida transcritas para aplicação da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2007). Projeto aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade Santa Maria 27381314.9.0000.5180.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados sócios demográficos demonstram na faixa etária que as mulheres possuem idade que variam de 36 a 66 anos, as quais estão dispostas da seguinte forma: 1 (14%) têm menos de 40 anos, 2 (29%) têm de 41 a 50 anos, 1 (14%) têm de 51 a 60 anos e 3 (43%) têm idade superior a 60 anos.

O estado civil apresenta que 3 (43%) são solteiras, 2 (29%) são casadas e 1 (14%) é viúva e divorciada.

A respeito da escolaridade, 3 (60%) possuem o ensino superior completo e o ensino fundamental incompleto e apenas 1 possui o ensino médio completo. O que demonstra que a doença não escolhe mulheres mais ou menos instruídas.

Sentimentos diante do diagnóstico do câncer e da mastectomia:

Os resultados foram descritos em categorias para melhor compreensão e análise de conteúdo. Neste sentido esta categoria remete a concepção das participantes sobre os sentimentos ao serem informadas sobre o diagnóstico de câncer e sobre a necessidade de fazer uma mastectomia. Duas das entrevistadas afirmaram não sentir nada e enfrentaram a doença com força e entusiasmo para seguirem suas vidas, mesmo que em alguns momentos o medo e o receio do futuro desconhecido fossem presentes, e por vezes, o choro era um companheiro.

“Não senti nada, eu disse estou pronta para receber o que precisar” (P1).

“... vamos tocar o barco pra frente, vamos fazer o que for necessidade e pronto, cirurgia vamos, nunca precisei perder uma noite de sono, nunca chorei, nunca graças a Deus. Eu passei 2 anos com a cabecinha peladinha, o lencinho amarrado, o médico disse: você gosta?! eu disse: não gosto não, eu adoro, eu gosto” (P5).

Muitos sentimentos perpassam pela cabeça da mulher no momento que ela recebe notícia que está com câncer, quando há a confirmação do diagnóstico do câncer, automaticamente isso traz mudanças na vida dos pacientes, e cada uma expressa de uma forma diferente, algumas criam expectativas a respeito da cura e outras se apegam a religião. Para a mulher com o diagnóstico da doença estabelece novos propósitos na vida é o resultado dos ajustes psicossociais, ao aprender e reconhecer que pode alterar sua vida diária, a mulher integra o seu novo ser de forma produtiva e saudável. Assim a esperança de voltar a normalidade é um importante fator facilitador do tratamento.

Em contrapartida, as demais entrevistadas comentaram o seguinte:

“O mundo quase caia, quase morri, eu e toda a família, Ai fui para o hospital, nunca imaginava que eu ia ta fazendo tratamento de câncer, imaginava que eu ia morrer” (P2).

Assim que foi descoberto eu pensei que tava tudo bem não me disseram logo, na minha família nunca teve ninguém ai quando disse parece que foi uma tacada, ai eu comecei a chorar não era normal se você não chorasse mais que eu tivesse fé em Deus que ela ia fazer a cirurgia” (P6).

“... pronto fiz a cirurgia e estamos aí, Fiquei sem chão! Todas ‘nos fica’, né?!,primeiro eu fiz uma ultra som com Doutor disse que ia me encaminhar para o Lauriano, ai eu disse quer dizer doutor que você já vai me encaminhar para o Lauriano é porque já estou com câncer, ele disse eu vou lhe encaminhar pra lá o medico é quem vai lhe dizer o que é, ai eu fui e fiz uma biopsia lá a doutora fez uma punção com aquela agulha (P4).

“... chegou o resultado da biopsia ai ela disse que não precisava tomar a quimio e nem a radio” (P3).

“ Sempre agente sofre um choque, após o resultado da biopsia eu recebi a noticia, eu choquei na hora que o médico deu o resultado ai depois eu fortaleci no senhor” (P7).

Muitos sentimentos negativos de desespero e desesperança também acompanham a constatação do diagnóstico de câncer, a idéia de morte torna-se uma possibilidade real e difícil de lidar, porém, com muita paciência e apoio familiar

as mulheres conseguem ter forças para continuar o tratamento e para lutarem pelas suas vidas.

Convivência familiar após a mastectomia:

Ao serem indagadas sobre convivência familiar após a mastectomia, todas as entrevistadas afirmaram da normalidade depois da cirurgia e ressaltaram que não somente a família lhes deu suporte, mas os amigos e colegas de forma geral.

“Nada, nada, normal, fizeram foi me ajudar, graças a Deus não houve nada anormal” (P1).

“Quanto a isso não tem problema não, minha família todo mundo me apoiou né” (P3)

“... num tinha mais ninguém nessa época pra dizer que peito ficou feio ou bonito ou se ficou aleijado e se tivesse podia se conformar, tinha que aceitar do jeito que é com peito ou sem peito” (P2).

“Todo mundo me apoiou: amigo, família de longe de perto” (P6).

Silva *et al.* (2010) nos explicam que o adoecimento da esposa evidencia a importância de um relacionamento familiar estável, de confiança, de companheirismo e respeito mútuos. Pois, a família é o elemento primordial na recuperação de mulheres com câncer de mama dando suporte de ajuda e/ou sistema de apoio, contribuindo assim para a recuperação da mesma.

Melo; Silva; Fernandes (2005) salientam que o impacto da mastectomia afeta não apenas a mulher, mas estende-se ao seu âmbito familiar, contexto social e grupo de amigos. Potencializando-se com a indicação dos tratamentos associados à cirurgia, principalmente à radioterapia e à quimioterapia. A família com um portador de câncer, particularmente de mama, requer maior atenção, em virtude do caráter crônico e da gravidade de que se reveste a doença, além do significado social e impacto psicossocial que representa para a mulher e seus familiares.

Por essas razões os familiares devem, também, ser alvo de cuidados porque adoecem juntamente com a paciente. Por isso, é necessário que se desenvolva

formas positivas de enfrentamento da doença pela família, o que por sua vez, garante a proteção do seu ente querido possibilitando à mulher encontrar, na família, um fortalecimento de si própria uma vez que recebe de ajuda e afeto.

Apesar da normalidade e aceitação pós-mastectomia por parte da família, uma das entrevistadas salientou um ponto interessante a ressaltado, a questão do preconceito de algumas pessoas:

“Normal, Graças a Deus. Eu me chateeí uma vez que uma prima minha me disse, eu vinha em uma rua e tinha umas senhoras sentadas em uma causada e quando elas me avistaram elas disseram vamos entrar que (...) ela tem aquela doença feia (P5).”

Mesmo sabendo-se que o câncer não é uma doença transmissível, mas algumas pessoas ainda possuem essa mentalidade preconceituosa e desinformada a respeito. O que em alguns momentos pode ser algo negativo para o tratamento e recuperação da mulher.

Desafios vivenciados pelas mulheres após a mastectomia:

Acerca dos principais desafios vivenciados pelas mulheres após a mastectomia, as mesmas relataram sobre os sintomas inerentes ao tratamento, como também da adaptação pós-cirurgia, mas no geral, afirmaram não ter muitos desafios.

“Nada! Eu usei logo a prótese, eu comprei pra depois só de 6 meses, e antes eu usava uma fraudinha no sutiã, era normal, eu era presidente aqui e nunca deixei de ir nenhum dia de festa, fiz 6 quimioterapia, foi muito forte” (P1)

“... só vinha os sintomas com 2 ou 3 dias, as vezes era só gastura, nem dor de cabeça, nem vomito, não sentia nada, nada disso graças a Deus” (P7).

“Conviver com o problema, porque agente faz a cirurgia e não quer dizer que agente vai ficar boa 100%, aparece muitas coisas, aparece muita dor ne, ainda hoje eu sinto dor nas costas porque o meu retirou o músculo das costas” (P2).

“Nunca me senti menos do que eu era não, eu tiro a roupa normal na vista de qualquer um aqui, eu não tenho vergonha não, eu conheço amiga minha que tirou a 10 anos e não tira tem vergonha” (P4).

Corroborando com o presente estudo, Ramos *et al.* (2012) expõem que apesar dos diversos percalços enfrentados durante o tratamento a maioria das mulheres avaliaram o processo de seu tratamento, e mais especificamente a cirurgia, como tranquilos.

Mudanças ocorridas na sexualidade após o procedimento:

Quando abordadas a respeito das mudanças ocorridas na sexualidade após o procedimento, muitas afirmaram não ter vida sexual:

“Não teve mais nunca minha fia de lá pra cá, 0 km” (P2).

“Não tenho vida sexual graças a Deus pra não me perturbar” (P7),

“Não tenho vida ativa, tô separada e não tenho relação de sexo não” (P6).

Cesnik; Santos (2012) destacam em sua revisão sistemática que as dimensões afetivas da sexualidade são muitas das vezes considerada fatores facilitadores na vivência da sexualidade após o câncer de mama. O afeto e a intimidade são dimensões que sofreram alterações após a cirurgia, em contrapartida outros autores constataram que a vivência das dimensões afetivas da sexualidade (formas de sedução, troca de carícias, cumplicidade, toque, entre outras) auxiliou na experiência da sexualidade após a cirurgia.

Mudanças na qualidade de vida após a mastectomia:

Ainda a respeito das respostas referentes à questão da sexualidade, algumas entrevistadas disseram que não ocorreu nenhum tipo de mudança e que o companheiro se manteve sempre perto.

“Não, até hoje ele nunca reclamou não” (P3),

“Eu disse a meu esposo quando cheguei de João Pessoa, olhe se você quiser uma de 2 peitos tá liberado a procurar porque eu só tenho 1, ai ele disse: ‘não, nunca ia me deixar’” (P4).

“Não de jeito nenhum. Absolutamente nada, a vida continua do mesmo jeito, ainda sou a mesma mulher graças a Jesus” (P1).

“... se eu não tivesse tirado tinha me sentido pior” (P6).

O estudo de Silva *et al.* (2010) corrobora com a pesquisa, pois, em relação as mudanças ocorridas no relacionamento conjugal após a cirurgia os pesquisados garantiram não ter havido nenhuma mudança e sim uma melhora na vida conjugal, em virtude de um maior companheirismo e amizade.

Com relação a sexualidade da mulher, é imprescindível que o parceiro tenha sensibilidade para compreender esse momento e para apoiar a esposa, isso possibilita que o tratamento tenha êxito.

Segundo Huglet *et al.* (2009), em mulheres norte-americanas com história de câncer de mama se observou boa qualidade de vida. Sendo assim, nota-se a importância do apoio à mulher com câncer de mama, pois mulheres com companheiro apresentaram escores significativamente melhores nos domínios psicológico e relações sociais. Já mulheres sem companheiro e sem a mama, ou com deformidade pós-cirúrgica da mama, podem sentir-se inferiorizadas se comparadas àquelas que possuem mamas não operadas e, por isso, menos capazes de estabelecer novos vínculos afetivos.

Uma das entrevistadas relatou que a mastectomia interferiu sim na sua qualidade de vida:

“... ela interfere, o movimento do meu braço não é mais o mesmo, você não é a mesma pessoa, é muito difícil você dizer o meu braço é a mesma coisa, muito difícil dói, corça, belisca, agora quanto a questão de dizer que agravou o emocional não, porque você é mutilada no corpo não no consciente, quem tem fé em Deus só é mutilada no corpo mas na emoção não e estamos ai até o dia que Deus quiser (P5).”

Após a mastectomia a qualidade de vida não continua sendo a mesma pois as dores no membro, a dificuldade para movimentar o braço dificulta no dia a dia.

CONCLUSÃO

Ao receber o diagnóstico de câncer algumas das participantes aceitaram e disseram preparadas para a realização da mastectomia, porém algumas apresentaram sentimentos bastante negativos. As participantes reclamaram do enfrentamento da queda de cabelo, dor ao movimentar o braço e também das dificuldades quanto ao preconceito, afetando o psicológico, a autoestima.

Apesar disto, todas as entrevistadas enfrentaram a doença com muita fé em Deus, o que não permitiu que o medo e a insegurança fossem maiores que a esperança de cura. A confiança em Deus as fortaleceu e possibilitou que o processo de tratamento e reabilitação ocorresse naturalmente.

Pelo exposto, concluiu-se que algumas das mulheres tiveram sentimento de medo, angústia, porém se fortaleceram na fé, algumas delas citaram a religião como fonte de apoio, já outras citaram familiares, amigos. Outras deixaram a tristeza e o medo tomar conta dos corações, sendo que após a mastectomia voltaram a vida normal com o apoio da família. Ressalta-se que aquelas com apoio marital citaram não ter nenhuma diferença na relação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CESNIK, V. M.; SANTOS, M. A. Mastectomia e Sexualidade: Uma Revisão Integrativa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.25, n. 2, p. 339-349, 2012.

HUGLET, P. R. *et al.* Qualidade de vida e sexualidade de mulheres tratadas de câncer de mama. **Rev Bras Ginecol Obstet**. v. 31, n. 2, p. 61-7, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER (INCA). **Mama**. Ministério da Saúde: Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/tiposdecancer/site/home/mama>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

MELO, E. M.; SILVA, R. M.; FERNANDES, A. F. Carvalho. O relacionamento familiar após a

mastectomia: um enfoque no modo de interdependência de Roy. **Rev. Bras. de Cancer.**, v. 51, n. 3, p: 219-225, 2005. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/rbc/n_51/v03/pdf/artigo4.pdf>.

MOURA, F. M. J. S. P. *et al.* Os sentimentos das mulheres Pós-mastectomia. **Esc Anna Nery**, Piauí, v. 14, n. 3, p. 477-484, jul-set. 2010.

RAMOS, W.S. R; *et al.* Sentimentos vivenciados por mulheres acometidas por câncer de mama. **J Health SciInst.**, v. 30, n. 3, p.241-8, 2012.

SILVA, T. B. C. *et al.* Percepção dos cônjuges de mulheres mastectomizadas com relação à convivência pós-cirurgia. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v.44, n. 1, mar., 2010.